

CONSTRUIR A HISTÓRIA DO BRINQUEDO: UM DESAFIO CIENTÍFICO¹

Michel Manson²

Tradutores: Dominique Boxus³
e Luana Rocha (LABESTRAD)⁴

Resumo

A partir das pesquisas realizadas sobre a história do brinquedo na França, resalto que não é com brinquedos guardados em coleções privadas ou públicas que poderemos escrever a história do brinquedo, objeto cultural da criança que só tem significado no lugar em que a sociedade concede à criança e às representações que essa sociedade faz da infância. No texto, apresento e discuto desafios científicos, fontes de pesquisa, ferramentas e conceitos que devem ser adaptados à história, à cultura de cada sociedade.

Palavras-chave: História; brinquedo; pesquisa.

Resumé

À partir de recherches touchant à l'histoire du jouet en France, précisant qu'il ne s'agit pas de jouets conservés dans des collections privées ou publiques, nous désirons écrire l'histoire du jouet, objet culturel de l'enfant, qui n'a de signification que dans l'espace autorisé par la société à l'enfant et aux représentations que celle-ci se fait de l'enfance. Dans le texte qui suit, je présenterai et montrerai les défis scientifiques, source de mes recherches, outils et différents concepts, qui se veulent être adaptés à l'histoire et à la culture de chaque société

Mots-clés: Histoire; jouet; recherche.

¹Texto escrito a partir da Conferência "Construire l'histoire du jouet, un défi scientifique", proferida pelo Professor Dr. Michel Manson, apresentada no II Congresso Internacional Infâncias e Brinquedos de Ontem e de Hoje.

²Doutor na Universidade de Paris XIII. Publicou vários livros, dentre eles, a História do brinquedo e do jogo. Desenvolve pesquisas relacionadas à História da Educação, disciplina que ministra em cursos da Universidade de Paris. E-mail: michelj.manson@wanadoo.fr

³Doutor em Língua Francesa e Literaturas Francesa e Francófonas. Professor do Departamento de Letras Estrangeiras (GLE) da UFF (Niterói-RJ) e coordenador do Laboratório de Estudos de Tradução (Labestrاد) para a área de Francês. E-mail: domiboxus@gmail.com

⁴Mestranda na Universidade Federal Fluminense.

Eu gostaria primeiramente de ressaltar uma ideia paradoxal, para não dizer escandalosa e provocadora: não é com brinquedos guardados em coleções privadas ou públicas que poderemos escrever a história do brinquedo. Eu não quero dizer que isso possa ser feito sem o estudo do objeto, mas que eles são impotentes para dar conta da complexidade da sua história, sobretudo nos períodos mais antigos, da Antiguidade ao fim do Antigo Regime.

O pequeno número de brinquedos conservados desses períodos, seu luxo, poderia mostrar a fraqueza da sua presença, que seria, então, reservada às crianças de classes mais abastadas, da aristocracia ou da alta burguesia, o que foi comprovado ser uma ideia errônea. Mais tarde, no século XIX, e, sobretudo, na segunda metade do século, os brinquedos são muito mais numerosos, muitas vezes com a indicação dos seus fabricantes, e eles dão a impressão de que podemos, assim, facilmente reconstituir o universo lúdico das crianças daquela época, mas essa impressão também é falaciosa.

Escrever a história do brinquedo tornou-se o trabalho de colecionadores e conservadores de museus, e suas obras oferecem um material importante, fornecendo numerosas fotografias de brinquedos, de acordo com seu tipo (bonecas, carrinhos, etc.), seu material (brinquedos de madeira, estanho, etc.), seus princípios de funcionamento (jogos mecânicos, óticos, etc.), seus temas (jogos de circo, de correios, etc.), ou mesmo de acordo com a marca (Renault, Euréka, Martin, etc.). Tudo isso é muito útil, mas, uma vez fechados esses livros, o leitor tem a sensação de que não está bem preparado para compreender a história do brinquedo, esse objeto cultural da criança que só tem significado no lugar em que a sociedade concede à criança e às representações que essa sociedade faz da infância.

Escrever a história do brinquedo não é, portanto, organizar o catálogo daqueles que, por sorte, sobreviveram às mãos destrutivas das crianças e ao assustador desaparecimento da maioria dos brinquedos produzidos. É preciso, na verdade, «construir» a história do brinquedo, o que é um verdadeiro desafio científico. Na realidade, essa construção é fundada em fontes extremamente variadas, díspares mesmo, que, para serem estudadas, demandam uma abordagem de todos os meios

críticos da história, da literatura, da arte e da arqueologia. O brinquedo torna-se, assim, o objeto de uma história maior, a qual podemos decompor em duas grandes abordagens.

Escrever a história econômica e social do jogo

O brinquedo ecológico, fabricado pela criança em seu meio, sempre existiu e surge, ainda hoje em dia, no seio das sociedades industriais. Mas, no passado, ele não deixava rastros, ou muito pouco. Na literatura, nos jornais ou nas biografias, a lembrança desses brinquedos efêmeros foi conservada, de Aristófanés até os nossos dias, testemunhos observados pelos folcloristas do século XIX e por seus colegas etnólogos do século XX.

Nas sociedades tradicionais em que existe o brinquedo, pesquisas de cunho etnológico ou da história oral deveriam permitir a descoberta de brinquedos utilizados, a maneira como eram fabricados e por quem. Seria muito interessante interrogar as pessoas mais velhas para perguntá-las se elas tinham brinquedos fabricados por elas próprias ou por pessoas do seu entorno e, caso afirmativo, como elas os usavam.

A dificuldade desse tipo de pesquisa está na valorização ou desvalorização social dos brinquedos e da cultura lúdica, que criam bloqueios de memória, esquecimentos ou deformações, como comprova o trabalho que fizemos sobre o brinquedo nas autobiografias.⁵ As histórias da infância que podemos acessar, dependem, também, das histórias de vida, da conotação afetiva que acompanha cada brinquedo, de acordo com a pessoa que a fabricou ou presenteou. Certos brinquedos encontram-se, assim, ocultados ou minorizados pela memória, outros resplandecem ainda de maneira duradoura durante a velhice. Mas esse tipo de trabalho é muito importante e mostra-se rapidamente eficaz em um país como o Brasil, conforme

⁵MANSON, Michel. Le jouet dans les récits d'enfance des écrivains. In: SIMONET-TENANT, Françoise, direct., **Le propre de l'écriture de soi**, Paris, Téraèdre, 2007, p. 142-147.

mostra a pesquisa sobre jogos e brinquedos na cidade de São Paulo na primeira metade do século XX.⁶

Paralelamente a essa difícil história do brinquedo ecológico, a que se refere ao brinquedo comercial oferece ao historiador fontes numerosas, mas muitas vezes difíceis de serem abordadas. Desde a Antiguidade, na Atenas do século V a.C, temos a confirmação da existência de um comércio de brinquedos. Uma fonte literária, assegurada por Aristófanes, confirmada pelos índices dos próprios objetos.⁷ As bonecas de terracota, fabricadas em moldes e exportadas nas bacias mediterrâneas são também brinquedos de crianças comprados no comércio, mas, para ter certeza disso é preciso pesquisar outros documentos.

Representações figuradas em vasos ou em lápides, o estudo do vocabulário e dos raros textos existentes em grego e em latim fornecem, assim, um conjunto consistente que comprova a consumação infantil de brinquedos na Grécia antiga, no mundo romano – inclusive no domínio galo-romano – e a extensão cristã do Egito. Corporações como as de ceramistas para brinquedos gregos de terracota ou os artesãos coptas foram profissionais dedicados parcialmente ao serviço dessa produção.

A Idade Média parece não possuir brinquedos comerciais até o século XII ou XIII e são ainda as fontes literárias que atestam essa existência. Uma delas, sobre a vida de Saint-Quentin, menciona um vendedor de brinquedos de chumbo e estanho na porta de uma capela onde passavam peregrinos. Chumbos de peregrinação, objetos devocionais e brinquedos formavam a produção de vendedores ambulantes de bibelôs, corporação reconhecida em Paris a partir do século XV, mas alguns brinquedos do século XIV foram igualmente encontrados.

Com o Antigo Regime, as fontes para escrever a história econômica do brinquedo tornaram-se mais numerosas, mas os arquivos somente incorporam ao

⁶SOUZA, M. A. S. e S., GARCIA, M. A. L.; FERRARI, S. C. M.. **Memoria e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez Editora, 1989, p. 129.

⁷Para referências precisas e demonstrações, vide: MANSON, Michel. **Jouets de toujours, de l'Antiquité à la Révolution**, Paris, Fayard, 2001, p. 382. Tradução portuguesa por OLIVEIRA, Carlos Correia Monteiro. História do brinquedo e dos jogos. Brincar através dos tempos. Lisboa, Editorial Teorema, 2002, p. 438.

século XVI e XVII a história jurídica (status, regras, processos) das corporações de fabricantes (vendedores de bibelôs, de bonecas, de jogos de tabuleiro, de peões, etc.).⁸ Continuam na sombra os trabalhadores livres, entretanto, os mais numerosos do território no ramo do brinquedo.

Algumas vezes as escrituras permitem reconhecer os atores e os momentos da produção e da difusão dos brinquedos. (contratos de aprendizagem, de associações, inventários, contratos de casamento, etc.). Mas essas escrituras são muito raras e produzem poucas informações antes do século XVII. Elas permitem, entretanto, descobrir as rede familiares que, na maior parte das vezes, formam a trama das redes comerciais. Os arquivos devem ser completados com os documentos figurados, por exemplo, nas estampas, que mostram o conteúdo das cestas dos vendedores ambulantes das butiques ao ar livre que vendem brinquedos aos peregrinos ou nas ruas. Utilizaremos, também, dicionários que definem as profissões relacionados ao brinquedo e às fontes literárias.

A confrontação dessas fontes permitem estabelecer certezas sobre a rede de venda de brinquedos (vendedores ambulantes, feiras, lojas em grandes cidades), e sobre a gama de objetos, dos mais populares aos mais luxuosos. Uma fonte como o *Journal d'Héroard*, médico de Luis XIII enquanto criança, que anotava a cada dia o que acontecia no início do século XVII, nos mostra a criança real comprando um brinquedo de um vendedor ambulante, ganhando um outro de presente da mulher que o ninava, alguns brinquedos que vinham de Lendit (em Saint-Denis, perto de Paris), mas também recebia outros do médico, brinquedos de vendedores da galeria de armarinhos, no Palácio de justiça, ou brinquedos de marfim de Dieppe, outros em vidro de Veneza, etc.

No século XVII, graças aos inventários de atacadistas parisienses ou de Liesse (Aisne), nós pudemos descobrir o tamanho dessas redes comerciais, seus fornecedores de Paris, do Jura, de Liesse e da Alemanha, e de seus clientes de toda a França. Em sua morte, em 1782, Juhel tinha cerca de meio milhão de brinquedos em lojas, em uma rede comercial que ultrapassava fronteiras (com fornecedores Alemães) e se estendia

⁸Arquivos Nacionais, série Y (arquivos do Châtelet), para corporações da cidade de Paris.

por toda a França. Nos arquivos departamentais do Aisne, nós descobrimos contratos de fabricação de peões da região de Liesse que permitem avaliar em diversos milhões por ano a quantidade de brinquedos populares produzidos nessa única região no fim do século XVIII.

A partir da metade do século XVIII, uma outra fonte, a imprensa periódica, fornece informações muito importantes para o estudo do comércio de brinquedos. No *Petites Affiches*, aparecem, a partir de 1760, as primeiras publicidades de brinquedos para o fim do ano, com o nome do comerciante, seu endereço, a natureza das mercadorias propostas: é o início da propaganda. A análise do discurso publicitário na imprensa vai permitir o estudo da argumentação da oferta de brinquedos, ponto de partida da construção da história da criança consumidora.⁹

O entrecruzamento de fontes permite uma melhor identificação das redes familiares de fabricantes e vendedores, sobretudo em Paris, onde os estudos da história das famílias torna-se possível, assegurando, até mesmo, um conhecimento dos fundos do comércio que ultrapassam a Revolução e continua em pleno século XIX. Uma hierarquia de fortunas, do valor de fundos de comércio e de mercadorias, uma precisão de preços, podendo, assim, aparecer em nossos arquivos a partir dos anos de 1770-1780, e, quando se trata de jogos e brinquedos comprados por famílias dominantes, seus fornecedores são bem conhecidos.¹⁰

Com a publicação dos *Annales du Commerce*, em Paris e em outras cidades, a constituição de uma verdadeira base de dados de mercadores e fabricantes de brinquedos torna-se possível e nós podemos também, por exemplo, melhor avaliar a parte de importações, em particular da Alemanha. Construir essa história econômica do brinquedo passa, portanto, pela realização das bases de dados de informática, comportando nomes, sobrenomes, endereços sucessivos, fontes, dos diferentes atores da produção e difusão de brinquedos: fabricantes, mercadores, inventores.

⁹MANSON, Michel. Jouets du commerce et consommation enfantine dans la presse française de 1760 à 1860 : de l'information au débat, capítulo 5 de **L'Enfant consommateur. Variations interdisciplinaires sur l'enfant et le marché**, organizado por Valérie-Inès de La Ville, Paris, Vuibert, 2005, p. 91-103.

¹⁰MANSON, Michel. Promenade dans un magasin d'étrennes: les fournisseurs des Enfants de France. In: **Jouets de princes (1770-1870)**, Paris, Réunion des Musées nationaux, 2001, p. 37-48.

Podemos, assim, realizar monografias sobre suas famílias, que estão no meio do brinquedos há muitas gerações, podemos seguir a transmissão de fundos de comercio durante, muitas vezes, mais de um século e, quando temos a chance de ter um inventário *pós morte* ou um documento de falência, a lista de mercadorias com seus preços nos permite reconstituir, para a época em causa, o inventário de produtos e suas gamas de preço.

No século XIX, os documentos de falência, retirados dos Arquivos de Paris até 1880, as patentes, as fontes ligadas às exposições da indústria, nacional ou internacional, a imprensa, os catálogos dos fabricantes, etc, constituem um conjunto de documentos ricos e complexos que nos autoriza entrever a possibilidade de escrever uma história econômica do brinquedo realmente sólida, apoiada, também, sobre um melhor conhecimento dos objetos e seus fabricantes.

Mas é preciso rever todos esses arquivos, já que muitas das fontes conhecidas a partir do século XIX, através das obras de Henri-René D'Allemagne e de Léo Claretie são, até hoje, citadas sem que haja uma progressão nessa área.

As fontes econômicas são completadas, também, pela iconografia das butiques de brinquedos e pelas fontes literárias que tratam do tema lojas de brinquedos, na literatura infanto-juvenil ou sob a pena de escritores românticos. Tomemos como exemplo a literatura infanto-juvenil. Alguns autores dos anos 1820-1860 colocam em cena as reações das crianças diante de uma loja de brinquedos, seus desejos e os de seus pais.

A loja de brinquedos torna-se um teatro onde ocorrem cenas em que é possível expôr as histórias das crianças, dos pais e dos vendedores. Não se trata de «testemunho» ou «reportagem», mas, de uma construção, na escrita, dos valores educativos e econômicos em torno do desejo e do prazer das crianças. É preciso, portanto, decodificar esses textos, como também é preciso decodificar as imagens, compreender o papel do suporte na difusão da imagem: estampas, pinturas, ilustrações de livros ou de jornais, cartazes, etc., cada suporte tem as suas regras e a sua lógica, que devem ser cumpridas.

É preciso estar atento ao posicionamento ideológico dos autores, dos artistas, dos editores. Saber quais valores e quais causas eles defendem, permite que não tomemos partido dos seus argumentos de maneira inocente, ao pé da letra. Assim, as obras pedagógicas e educativas não se privam de emitir julgamentos sobre os brinquedos do comércio, muitas vezes condenados como um luxo inútil, quando se valorizavam os brinquedos fabricados pelas próprias crianças. A história econômica do brinquedo é indissociada de uma história cultural que dá sentido aos comportamentos consumistas da infância.

O fim do século XIX e do século XX são ricos de fontes novas: uma imprensa profissional da área do brinquedo,¹¹ catálogos de presentes de fim de ano das grandes lojas (surgidos nos anos 1870),¹² publicidades (cartazes, jornais), fotografias de ateliês e butiques, cinema, estatísticas econômicas oficiais e inúmeros arquivos infelizmente, muitas vezes, inacessíveis, privados, destruídos, ou mesmo quando públicos, ainda não consultáveis (para o tribunal do comércio), etc.

Seria preciso explorar os arquivos dos ministérios do comércio e da indústria, em particular para as importações e exportações de brinquedos franceses e, ao mesmo tempo, fornecer as pistas dos lugares de recepção, por exemplo: o Rio de Janeiro no fim do século XIX e na primeira metade do século XX. Com o nome dos importadores brasileiros de brinquedos nós poderíamos penetrar na história econômica do brinquedo brasileiro. Especialmente porque o Brasil também tem, eu imagino, diretórios, imprensa, ou seja, fontes que dão materiais para construir a história brasileira dos brinquedos. Talvez fosse interessante trabalhar sobre o *Diário mercantil*, transformado em *Jornal do Comércio*, que durou dos anos 1820 aos 1890, tendo como donos sucessivamente dois franceses, Pierre Plancher e Julius Villeneuve.

¹¹VILLE, Valérie-Inès, De La & MANSON, Michel. Les fabricants de jouets et jeux français et leur responsabilité sociale vis-à-vis de l'enfant, 1891-1911. In: **Pensée et pratiques du management en France. Inventaire et perspectives**, 19e-21e siècles, chapitre 3, mis en ligne le 23 avril 2012, <http://mtpf.mlab-innovation.net/fr/sommaire/diffuseurs-de-doctrine,-auteurs-et-dogmes-en-management/les-fabricants-de-jouets-et-jeux-français-et-leur-responsabilité-sociale-vis-à-vis-de-l'enfant.html>. Esse trabalho se baseia na análise de artigos publicados pela Câmara Sindical dos Fabricantes de Brinquedos Franceses, no boletim **Le Jouet français**. À paraître en traduction espagnole sur le site argentin de la revue Ludicamente (2^e année, n° 4, octobre 2013): <<http://www.ludicamente.com.ar>>

¹²Michel Manson, **Histoire(s) des Jouets de Noël**, Paris, Téraèdre, 2005, p. 144 .

Esse último também criou um periódico semanal, o *Museu universal. Jornal das famílias brasileiras*, que circulou entre 1837 e 1840 e foi inspirado no periódico francês *Musée des familles*.¹³ Ora, os periódicos infanto-juvenis franceses contêm artigos sobre a indústria do brinquedo e propagandas de fim do ano. Seria preciso verificar se os jornais brasileiros são suscetíveis de nos trazer dados sobre a história econômica e social do brinquedo brasileiro.

Uma história econômica científica do brinquedo é, portanto, possível, mas demanda inúmeras pesquisas que apenas começaram na França e que necessita de uma equipe de pesquisadores e numerosos trabalhos universitários. Para o Brasil, vale a pena embarcar nessa aventura!

Escrever a história cultural do brinquedo

Os brinquedos das crianças fazem parte da cultura infantil, mas também da cultura global da sociedade: podemos encontrar menções na literatura e na arte. A utilização de fontes literárias e iconográficas por historiadores não é novidade,¹⁴ mas demanda uma metodologia rigorosa. Na verdade, não se trata de ilustrar a sua proposta através de uma citação ou uma imagem, mas de constituir um corpus de acordo com os critérios da história literária e da história da arte.

É significativo que a iconografia do brinquedo, que já existia na Antiguidade, nas cerâmicas, urnas funerárias e sarcófagos, tenha ganhado progressivamente novos suportes. Limitada às iluminações de manuscritos dos séculos XII e XIII, ela está presente em murais do século XIV (Inglaterra, Itália), a pintura de cavalete, a gravura sobre cobre, a tapeçaria e os pavimentos no século XV. No século XVI, é possível encontrar principalmente esculturas, um copo de vidro, desenhos. A partir desse

¹³GUIMARÃES, Valéria. **Les transferts culturels**: l'exemple de la presse en France et au Brésil, Paris, L'Harmattan, 2011, p. 33. Trad. Transfêrenciais culturais: O Exemplo da Imprensa na França e no Brasil, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

¹⁴Cf. GASKELL, Francis. **History and its images**, Yale University, 1993. Trad. fr. Alain Tachet et Louis Evrard, L'Historien et les images, Paris, Gallimard, 1995.

período, as imagens com brinquedos aumentam ainda mais em novos suportes (artes decorativas, fotografias, cinema), mas, sobretudo, em grande quantidade, o que contribui para a difusão na sociedade, em públicos cada vez mais diversificados e numerosos.

A evolução quantitativa é acompanhada de um crescimento constante do «discurso iconográfico». Na Idade Média, o brinquedo (peão, cavalo-de-pau, catavento) simbolizava as atividades lúdicas da criança, e, portanto, da infância, na iconografia das idades da vida. Primeiramente era um menino, só, de aproximadamente 10 anos. Depois, a imagem se complica, cada fase da infância tinha o seu brinquedo: o chocalho para o bebê, o cavalo-de-pau e o catavento para os pequenos, o peão para os maiores. As meninas só chegam mais tarde, com a boneca.

Os artistas estudam os gestos do jogo, as atitudes dos jogadores, as formas dos brinquedos. Com o passar do tempo, o número de brinquedos representados aumenta (carrinho), as cenas se diversificam, a cultura lúdica infantil é cada vez mais observada. O olhar dos artistas traduz, portanto, o sentimento da infância, ele nos ensina não somente as significações simbólicas dos objetos, mas também a realidade do jogo. Na verdade, a imagem era a fonte que funcionava no sistema de representação da época e que nos revela não somente do que se trata o brinquedo, mas também é uma fonte informativa sobre a existência e a realidade de alguns brinquedos.

Com a falta de textos que mostram a relação da criança com seus brinquedos, no século XVI, somente as imagens nos sugerem algo como o amor de uma menininha pela sua boneca, espelho do sentimento que a mãe tem por ela, de acordo com *Charitas* Lucas Cranach (entre 1537-1550). No século XVII, o brinquedo é mais abundante na pintura holandesa do que na pintura francesa, italiana ou espanhola, mas, mesmo sendo um acessório tão pequeno, ele pode, às vezes, aparecer também em primeiro plano (E. Collier, *Fillette avec sa poupée*). Na França, como na Itália, são utilizadas antigas referências aos pequeninos para mostrar crianças brincando (Ambroise Dubois, 1610, Jacques Stella, 1657). Todavia, no momento em que os textos tornam-se mais numerosos, no Iluminismo, e que o brinquedo ganha o centro de quadro de retratos infantis, é a ligação íntima entre a criança e o seu brinquedo que

transparece (Drouais, aproximadamente 1770, Greuze, Fillette au capucin, 1765), e que os artistas posteriores aprofundaram ainda. Nós tomamos conhecimento, ainda através das imagens, da existência de brinquedos que nenhuma outra fonte menciona: perna-de-pau, pipa, bolinha de gude, no fim do século XVI e no século XVII.

O que as imagens não dizem é tão importante quanto o que elas mostram. Ao não escolher alguns tipos de brinquedos na massa de variedades produzidas, e que nós conhecemos através dos arquivos, o que a iconografia aplica, na realidade, é um filtro cultural que transmite uma mensagem baseada na visão da infância e dos valores sociais do seu entorno. Os elementos de um ou de mais discursos sobre o brinquedo são assim dispersos em todas as imagens produzidas pela sociedade em um dado momento, o que justifica a coleta mais completa possível para que se possam reconstituir essas mensagens e as confrontar com àquelas que os textos propõem.

Com uma maior quantidade de imagens nos séculos XIX e XX, novas problemáticas aparecem, ligadas à existência de representações em uma cultura de massa. Somente os mais ricos podiam ter os retratos de suas crianças feitos por um pintor, retratos que, na maior parte deles, mostram um brinquedo como uma boneca nos braços de uma menina (Adèle Martin, *Portrait de Milles de Salignac*, aproximadamente 1846, Ernest Hébert, *Portrait de Catherine du Bouchage*, 1879) ou o saibre, o tambor ou o cavalo para os meninos (Anonyme espagnol, *Portrait de Carlos Pomar Margrand*, 1851).

O gênero permanece um critério bastante ativo na atribuição de brinquedos para meninos e meninas na iconografia do século XIX. Com o surgimento da fotografia e a democratização desse meio de representação, centenas de milhares de fotografias de crianças com brinquedos nos são oferecidos, primeiramente pelos ateliês de fotógrafos profissionais e, em seguida, através dos albuns de família. Nós começamos a coletar novas bases de dados para tentar abordar essa nova fonte. No início, na segunda metade do século XIX, os fotógrafos profissionais muitas vezes era ligados ao mundo da pintura, reproduzindo lugares comuns a esta. No início do século XX, com a aparição de câmeras fotográficas mais leves, utilizadas pelas famílias, a fotografia de crianças se libera, tornando-se mais natural, e os brinquedos tomam um lugar que é

possível compreender e analisar. Seria preciso lançar enquetes, pesquisar em arquivos familiares, digitalizar milhares de documentos para ver se daí emergem lógicas de representação, se o olhar dos fotógrafos podem nos trazer novos conhecimentos sobre os brinquedos, o seu uso, as relações estabelecidas entre as crianças e os objetos.

Os cartões postais são outra fonte, também a fotografia, que dão uma outra visão sobre a percepção das festas da infância, o dia de São Nicolau, o Natal, as festas de fim de ano.¹⁵ Produzidas por uma cultura de massa, difundidas em todas as classes, os cartões postais veiculam representações carregadas de diversos matizes culturais que devem ser decodificados. As imagens publicitárias forjam também a infância com uma imagem própria a cada época do ano e em cada país: cartazes, publicidades nas lojas e jornais, constituem, assim, uma fonte particularmente sugestiva para o fim do século XIX e para o século XX (vide André Hellé, 1905 e 1931).

Com o cinema e depois a televisão, são as imagens animadas, formando desenhos animados, de obras de ficção ou reportagens sobre a sociedade, que fornecem informações inesgotáveis de temas de pesquisas relacionados à infância e seus brinquedos. Especialmente com o sistema de produtos derivados, os personagens dos desenhos animados estão sob a forma de brinquedos, livros, estampa de roupas, etc.¹⁶ A cultura da infância é uma cultura da imagem, a qual vai invadir os produtos impressos, sozinhos ou relacionados a textos.

A lenta emergência de um conceito de brinquedo, marcada pela aparição de um vocábulo genérico, a palavra «brinquedo» (França, 1534), é seguida pela não menos lenta constituição de um discurso sobre o brinquedo. O termo, surgido em uma obra literária, leva quase um século e meio até ser plenamente reconhecido nos dicionários de língua francesa. Enquanto raras passagens da literatura evocam brinquedos, os pedagogos da Renascença não elaboraram nenhuma reflexão sobre o seu lugar na educação e foi preciso esperar o tratado de John Locke, *Thoughts about*

¹⁵MANSON, Michel. **Histoire(s) des jouets de Noël**, op. cit., vide as novas ilustrações.

¹⁶BROUGERE, Gilles, direct., **La ronde des jeux et des jouets** : Harry, Pikachu, Superman et les autres, Paris, Autrement, 2008.

Education (1693) para que pudéssemos ver um capítulo que falasse sobre o brinquedo.¹⁷

Desde então, a reflexão sobre o brinquedo não cessa de crescer e de se aprofundar, adaptando-se às concepções da educação e da representação da criança em cada período. Escrever a história do brinquedo requer levar em conta essa dimensão, implicando uma releitura dos pedagogos e dos educadores. Mas, a pesquisa não termina aí; o brinquedo aparece na literatura geral e, depois, a partir do século XVIII, na literatura infantil.

Os autores de literatura infantil colocam o brinquedo em cena, acrescentando o olhar sobre a cultura infantil àquele dos pintores e pedagogos. Olhares cruzados, que permitem ao historiador reconstruir o seu objeto com mais de um relevo.

Seria interessante ver como se constrói o discurso «pedagógico» sobre o brinquedo na história brasileira.¹⁸ Os jornais profissionais dos professores da primeira infância são uma fonte a ser explorada para ver os discursos e as práticas pedagógicas desenvolvidas.

A partir do momento que sabemos da importância da utilização pedagógica e terapêutica do brinquedo nos trabalhos científicos brasileiros atuais, seria útil traçar a genealogia, os balbucios, os itinerários explorados antes da segunda guerra mundial. Do mesmo modo, os livros para crianças brasileiras oferecem, certamente, histórias infantis nas quais os brinquedos estão presentes: de que maneira, com que tipo de ilustração, para impôr qual discurso? Nós pesquisamos muito sobre o brinquedo nos livros infantis, pois a representação da cultura da infância oferecida pela literatura infantil ocupa um lugar único na construção da história do brinquedo.

O livro para crianças é um objeto da sua cultura, objeto que funciona como espelho da sua própria imagem, a qual ele deve absorver suficientemente para que as crianças possam entrar na história que lhes é contada. Ao mesmo tempo, os autores

¹⁷MANSON, Michel. Variations sur le jouet de Locke et de Coste (1693-1708). In: TRAMSON, Jacques. direct. **Du Livre au Jeu**: points de vue sur la culture de jeunesse. Mélanges pour Jean Perrot, Paris, L'Harmattan, 2003, pp. 205-215.

¹⁸Nós mostramos como o brinquedo foi introduzido na escola francesa : Le jouet à l'école, d'Oberlin à Pauline Kergomard, signe de modernité?, capítulo 3. In: Rayna, Sylvie e Brougère, Gilles (dir.), **Jeu et cultures préscolaires**, INRP, 2010, p. 49-75.

demonstram inconscientemente as suas próprias relações com a infância, a deles e de seus filhos. Eles levam ao texto suas visões de mundo, seus valores, suas morais. As ideias educativas e os julgamentos sobre o brinquedo são muito mais discretos hoje do que eram no século XIX, e a história dos livros infantis permite acompanhar a evolução da representação da criança e dos seus brinquedos de maneira mais sutil e esmiuçada do que em outras fontes.

Os próprios brinquedos testemunham o olhar da criança e da sua cultura infantil,¹⁹ representando-a, evocando formas lúdicas de usá-lo, mostrando que o universo dos brinquedos também pode se inspirar na literatura infantil e no cinema. A permanência, no século XX, de tipos de brinquedos provenientes da antiguidade, como o peão, ou do Antigo Regime, como os pequenos tambores e trompetes, não deve ser entendida como a manifestação da intemporalidade dos brinquedos. Se o lúdico desses brinquedos funciona em uma relação estreita com as etapas de crescimento da criança e justificam a durabilidade de certas estruturas de objetos, o uso, as significações e o lugar dentro da cultura do lúdico de hoje não são nada parecidos com o que era há séculos atrás.

As diversas fontes evocadas não estão necessariamente na mesma ordem cronológica: a consumação infantil de brinquedos do comércio antes que aparecesse a concepção de brinquedo. Os pais e as crianças, algumas, compreenderam a importância desse objeto e valorizaram antes que os educadores se dessem conta da sua importância. Mas, progressivamente, todos os fios começaram a se unir. Hoje, estão intrinsecamente ligados: representações de pais e educadores, o conhecimento das ciências humanas, funcionamento do mercado e do marketing do brinquedo, ao mesmo tempo que interfere, nem sempre é possível compreender como e por que, mas, a sociologia da criança fornece algumas chaves para esta história recente.

Escrever a história do brinquedo tal como nós propusemos, deve permitir elucidar os mecanismos, esclarecer as problemáticas, perceber o que acaba de surgir e o que possui profundas raízes históricas. Esse trabalho, o qual começamos pela França

¹⁹BROUGERE, Gilles. **Brinquedo e cultura**, São Paulo, Cortez Editora, 6ª éd. 2006.

e um pouco pela Europa, deve prosseguir em outras culturas.²⁰ Na verdade, cada país opera a sua própria síntese entre as raízes culturais locais e as que vêm de fora.

Me parece bastante provável que a história da criança e da infância é, no Brasil, uma história original, sem dúvida muito complexa e que, para construir a história do brinquedo nesse país, é preciso «inventar» fontes, analisar e interpretar as que se parecem com as minhas (arquivos, imprensa, livros infantis, imagens,...) com as ferramentas e os conceitos que devem ser especificamente adaptados à história, à cultura, à sociedade brasileira. Eu espero que as pequenas pistas que eu deixei aqui tenham dado a alguns de vocês a vontade de se lançar numa aventura como essa.

Referências

BROUGERE, Gilles. **La ronde des jeux et des jouets**: Harry, Pikachu, Superman et les autres. Paris: Autrement, 2008.

_____. **Brinquedo e cultura**. São Paulo, Cortez Editora, 6^e éd. 2006

_____. **Jouets et compagnie**, Paris, Stock, 2003. Trad. em português : Brinquedos e companhia, São Paulo, Cortez, 2004.

GASKELL, Francis. **History and its images**, Yale University, 1993. Trad. fr. Alain Tachet et Louis Evrard, L’Historien et les images. Paris: Gallimard, 1995.

GUIMARÃES, Valeria. **Les transferts culturels**: l’exemple de la presse en France et au Brésil, Paris: L’Harmattan, 2011. Trad. Transfêrenciais Culturais: O Exemplo da Imprensa na França e no Brasil, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MANSON, Michel. Le jouet dans les récits d’enfance des écrivains. In: Françoise Simonet-Tenant, direct., **Le propre de l’écriture de soi**, Paris, Téraèdre, 2007, p. 142-147.

_____. Histoire du jouet dans l’art, approche anthropologique, 1450-1650. In: **Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia**, Università di Siena, vol. XXVI, 2005, Fiesole, Edizioni Cadmo, 2007.

_____. **Histoire(s) des Jouets de Noël**. Paris: Téraèdre, 2005.

_____. Jouets du commerce et consommation enfantine dans la presse française de 1760 à 1860 : de l’information au débat, capítulo 5. In: **L’Enfant consommateur. Variations**

²⁰MANSON, Michel Histoire du jouet dans l’art, approche anthropologique, 1450-1650. In: **Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia**, Università di Siena, vol. XXVI, 2005, Fiesole, Edizioni Cadmo, 2007.

interdisciplinaires sur l'enfant et le marché, organizado por Valérie-Inès de La Ville, Paris, Vuibert, 2005, p. 91-103.

_____. Variations sur le jouet de Locke et de Coste (1693-1708). In: TRAMSON, Jacques, direct. **Du livre au jeu: points de vue sur la culture de jeunesse**. Mélanges pour Jean Perrot, Paris, L'Harmattan, 2003, pp. 205-215.

_____. **Jouets de toujours, de l'Antiquité à la Révolution**, Paris: Fayard, 2001. Trad. Carlos Correia Monteiro de Oliveira, *Historia do Brinquedo e dos Jogos. Brincar através dos tempos*, Lisboa: Editorial Teorema, 2002.

_____. Promenade dans un magasin d'étrences: les fournisseurs des Enfants de France. In: **Jouets de princes (1770-1870)**, Paris, Réunion des Musées nationaux, 2001, p. 37-48.

RAYNA, Sylvie e BROUGERE, Gilles (dir.). **Jeu et cultures préscolaires**, INRP, 2010, p. 49-75.

SOUZA, M. A. S. e S., GARCIA, M. A. L.; FERRARI, S. C. M.. **Memoria e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

VILLE, Valérie-Inès, De La & MANSON, Michel. Les fabricants de jouets et jeux français et leur responsabilité sociale vis-à-vis de l'enfant, 1891-1911. In: **Pensée et pratiques du management en France. Inventaire et perspectives, 19e-21e siècles**, chapitre 3, mis en ligne le 23 avril 2012, <http://mtpf.mlab-innovation.net/fr/sommaire/diffuseurs-de-doctrine,-auteurs-et-dogmes-en-management/les-fabricants-de-jouets-et-jeux-français-et-leur-responsabilité-sociale-vis-à-vis-de-l'enfant.html>. 2^e année, n° 4, octobre 2013): <<http://www.ludicamente.com.ar>>

CONSTRUIRE L'HISTOIRE DU JOUET: UN DEFI SCIENTIFIQUE²¹Michel Manson²²**Resumé**

À partir de recherches touchant à l'histoire du jouet en France, précisant qu'il ne s'agit pas de jouets conservés dans des collections privées ou publiques, nous désirons écrire l'histoire du jouet, objet culturel de l'enfant, qui n'a de signification que dans l'espace autorisé par la société à l'enfant et aux représentations que celle-ci se fait de l'enfance. Dans le texte qui suit, je présenterai et montrerai les défis scientifiques, source de mes recherches, outils et différents concepts, qui se veulent être adaptés à l'histoire et à la culture de chaque société

Mots-clés: Histoire; jouet; recherche.

Resumo

A partir das pesquisas realizadas sobre a história do brinquedo na França ressalto que não é com brinquedos guardados em coleções privadas ou públicas que poderemos escrever a história do brinquedo, objeto cultural da criança que só tem significado no lugar em que a sociedade concede à criança e às representações que essa sociedade faz da infância. No texto, apresento e discuto desafios científicos, fontes de pesquisa, ferramentas e conceitos que devem ser adaptados à história, à cultura de cada sociedade.

Palavras-chave: História; brinquedo; pesquisa.

²¹Production textuelle pour la Conférence "Construire l'histoire du jouet, un défi scientifique" apresentada no II Congresso Internacional Infâncias e Brinquedos de Ontem e de Hoje.

²²Professeur émérite de l'université de Paris XIII, ayant publié divers livres sur l'histoire du jouet et du jeu, développant des recherches sur l'histoire de l'éducation, une matière qu'il enseigne dans des cours à l'université de Paris.

Je voudrais d'abord mettre l'accent sur une idée paradoxale, pour ne pas dire scandaleuse et provocatrice: ce n'est pas avec les jouets conservés dans les collections privées et publiques qu'on peut écrire l'histoire du jouet. Je ne veux pas dire que celle-ci puisse se faire sans l'étude des objets, mais qu'ils sont impuissants à rendre compte de la complexité de leur histoire, surtout pour les périodes les plus anciennes, de l'Antiquité à la fin de l'Ancien Régime.

Le petit nombre de jouets conservés pour ces périodes, leur luxe, pourrait faire croire à la faiblesse de leur présence, qui serait alors réservée aux enfants des classes aisées, l'aristocratie ou la grande bourgeoisie, ce qui s'est avéré être faux. Plus tard, au XIXe siècle, et surtout dans la deuxième moitié du siècle, les jouets sont beaucoup plus nombreux, souvent porteurs d'indications sur leurs fabricants, et ils donnent l'impression qu'on peut ainsi facilement reconstituer l'univers ludique des enfants de cette époque, mais cette impression aussi est fallacieuse.

Écrire l'histoire du jouet est devenue l'affaire des collectionneurs et des conservateurs de musées, et leurs ouvrages livrent un matériel important, fournissant de nombreuses photographies de jouets, selon leur type (poupées, petites voitures, etc.), leurs matériaux (jouets en bois, en fer blanc, etc.), leurs principes de fonctionnement (jouets mécaniques, jouets d'optiques, etc.), des thèmes (jouets du cirque, de la poste, etc.), ou même selon la marque (jouets Renault, jouets Euréka, jouets Martin, etc.). Tout cela est très utile, mais, ces livres une fois refermés, le lecteur se sent frustré du "sens", il n'est pas mieux armé pour comprendre l'histoire du jouet, cet objet culturel de l'enfant qui ne tire ses significations et son existence même que de la place que la société accorde à l'enfant et des représentations qu'elle se fait de l'enfance.

Écrire l'histoire du jouet ce n'est donc pas dresser le catalogue de ceux qui ont par chance échappé aux mains destructrices des enfants et à l'effroyable disparition qui guette la majorité de ceux qui ont été produits. Il faut en fait « construire » l'histoire du jouet, ce qui est un véritable défi scientifique. En effet, cette construction se fonde sur des sources extrêmement variées, disparates même, qui demandent pour être étudiées de mettre en œuvre tous les moyens critiques de l'histoire, de la

littérature, de l'art et de l'archéologie. Le jouet devient ainsi l'objet d'une histoire totale que l'on peut décomposer en deux grandes approches.

Écrire l'histoire économique et sociale du jouet

Le jouet écologique, fabriqué par l'enfant et son milieu, a toujours existé et surgit encore aujourd'hui, y compris au cœur de nos sociétés industrielles. Mais, dans le passé, il ne laissait pas de traces, ou si peu ... Dans la littérature, des journaux ou des autobiographies, le souvenir de ces jouets éphémères s'est conservé, d'Aristophane à nos jours, témoignages relayés par le regard des folkloristes du XIXe siècle et de leurs collègues ethnologues du XXe siècle.

Dans les sociétés traditionnelles où le jouet existe, des enquêtes de type ethnologique ou d'histoire orale devraient permettre de découvrir les types de jouets utilisés, la façon dont ils étaient fabriqués et par qui. Il serait tout à fait intéressant d'interroger les vieilles personnes pour leur demander si elles avaient des jouets fabriqués par elles ou par leur entourage, et si oui, comment elles les utilisaient.

La difficulté de ce genre d'enquête tient au fait que la valorisation ou la dévalorisation sociales des jouets et de la culture ludique créent des blocages de la mémoire, des oublis ou des déformations, comme le prouve le travail que nous avons entrepris sur le jouet dans les autobiographies.²³ Les récits d'enfance que l'on peut obtenir dépendent aussi des histoires de vie, de la connotation affective qui accompagne chaque jouet, selon la personne qui l'a fabriqué ou offert. Certains jouets se trouvent ainsi occultés ou minorés par la mémoire, d'autres resplendissent encore de façon durable au temps de la vieillesse. Mais ce genre de travail est tout à fait important et s'avère vite fructueux dans un pays comme le Brésil, comme le montre

²³Michel Manson, « Le jouet dans les récits d'enfance des écrivains », dans Françoise Simonet-Tenant, direct., *Le propre de l'écriture de soi*, Paris, Téraèdre, 2007, p. 142-147.

l'enquête sur les jeux et jouets dans la ville de São Paulo dans la première moitié du XXe siècle.²⁴

Parallèlement à cette difficile histoire du jouet écologique, celle du jouet du commerce offre à l'historien des sources plus nombreuses mais souvent difficiles à mettre en œuvre. Dès l'Antiquité, dans l'Athènes du Ve siècle av. J.-C., nous sommes assurés de l'existence d'un commerce de jouets. Une source littéraire, Aristophane en donne la certitude, confirmée par les indices pris sur les objets eux-mêmes.²⁵ Les poupées en terre cuite fabriquées au moule et exportées dans le bassin méditerranéen sont bien des jouets d'enfants achetés dans le commerce, mais pour en être sûr, il faut le concours d'autres documents.

Des représentations figurées sur les vases ou les stèles funéraires, l'étude du vocabulaire et des rares textes existant en grec et en latin fournit ainsi un ensemble concordant pour prouver une consommation enfantine de jouets dans la Grèce ancienne, le monde romain – y compris le domaine gallo-romain – et ses prolongements chrétiens en Égypte. Des corporations, comme celle des coroplastes pour les jouets en terre cuite grecs, ou les artisans coptes ont été ainsi des professionnels partiellement au service de cette production.

Le Moyen Âge semble ne pas posséder de jouets du commerce jusqu'aux XIIe ou XIIIe siècles, et ce sont encore des sources littéraires qui en attestent l'existence. L'une d'elles, une vie de Saint-Quentin, mentionne un marchand de jouets en plomb et en étain à la porte de la chapelle où viennent les pèlerins. Plombs de pèlerinages, objets de piété et jouets forment la production de bimbeltiers, corporation attestée à Paris à partir du XVe siècle, mais quelques jouets du XIVe siècle ont été retrouvés.

Avec l'Ancien Régime, les sources pour écrire l'histoire économique du jouet sont plus nombreuses, mais les archives n'apportent guère, aux XVIe et XVIIe siècle, que l'histoire juridique (statuts, règlements, procès) des corporations de fabricants

²⁴Maria Alice Setúbal Souza e Silva, Maria Alice Lima Garcia, Sônia Campaner Miguel Ferrari, *Memoria e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas di século XX*, São Paulo, Cortez Editora, 1989, 129 p.

²⁵Pour les références précises et les démonstrations, nous renvoyons à notre ouvrage, *Jouets de toujours, de l'Antiquité à la Révolution*, Paris, Fayard, 2001, 382 p., traduction portugaise par Carlos Correia Monteiro de Oliveira, *Historia du Brinquedo e dos Jogos. Brincar através dos tempos*, Lisboa, Editorial Teorema, 2002, 438 p.

(bimbelotiers, poupetiers, tabletiers, tourneurs, etc.).²⁶ Restent dans l'ombre les métiers libres, pourtant les plus nombreux pour le jouet sur l'ensemble du territoire. Parfois, des actes notariés permettent de saisir des acteurs et des moments de la production et de la diffusion des jouets (contrats d'apprentissage, contrats d'association, inventaires après décès, contrats de mariage, etc.). Mais ces actes sont très rares et produisent peu d'informations avant le XVIIIe siècle.

Ils permettent cependant de découvrir les réseaux familiaux qui, le plus souvent, forment la trame des réseaux commerciaux. Les archives doivent être complétées avec des documents figurés, par exemple les estampes, qui montrent le contenu de hottes de colporteurs, des boutiques de plein air vendant des jouets aux pèlerinages ou dans les rues. On utilisera aussi les dictionnaires définissant les métiers du jouet, et les sources littéraires. La confrontation de ces sources permet d'établir des certitudes sur le réseau de vente des jouets (colporteurs, marchés, foires, boutiques dans les grandes villes), et sur la gamme des objets s'étendant des plus populaires aux plus luxueux. Une source comme le *Journal d'Héroard*, ce médecin de Louis XIII enfant qui note chaque jour ce qui se passe au début du XVIIe siècle, nous montre l'enfant royal achetant un jouet à un mercier ambulant, recevant en cadeau de sa remueuse – la femme chargée de le bercer dans ses bras toute la journée – ceux qui viennent de la foire du Lendit (à Saint-Denis, près de Paris), mais aussi, de la part de son médecin, des jouets des marchands de la galerie mercière au Palais de justice, ou des jouets d'ivoire de Dieppe, et d'autres en verre de Venise, etc.

Au XVIIIe siècle, grâce aux inventaires après décès de grossistes parisiens ou de Liesse (Aisne), nous découvrons l'ampleur de leurs réseaux commerciaux, leurs fournisseurs de Paris, du Jura, de Liesse et d'Allemagne, leurs clients dans toute la France. À sa mort, en 1782, Juhel avait un demi million de jouets en magasins, un réseau commercial dépassant les frontières (fournisseurs d'Allemagne) et s'étendant à toute la France. Dans les Archives départementales de l'Aisne, nous avons découvert des contrats de fabrication avec des tourneurs de la région de Liesse qui permettent

²⁶Archives Nationales, série Y (archives du Châtelet), pour les corporations de la ville de Paris.

d'évaluer à plusieurs millions par an les jouets populaires produits dans cette seule région à la fin du XVIIIe siècle.

À partir du milieu du XVIIIe siècle, une autre source, la presse périodique, fournit des renseignements très importants pour l'étude du commerce de jouets. Dans les *Petites Affiches*, apparaissent à partir de 1760 les premières publicités pour les jouets des étrennes, avec le nom du commerçant, son adresse, la nature des marchandises proposées : c'est le début de la publicité. L'analyse du discours publicitaire dans la presse va permettre d'étudier l'argumentaire de l'offre de jouet, point de départ de la construction d'une histoire de l'enfant consommateur.²⁷ L'entrecroisement des sources permet de mieux cerner les réseaux familiaux de fabricants et de marchands, surtout à Paris où des études d'histoire des familles deviennent possibles, assurant même une connaissance des fonds de commerce qui dépasse la Révolution et se poursuit en plein XIXe siècle. Une hiérarchie des fortunes, de la valeur des fonds de commerce et des marchandises, un état précis des prix, peuvent ainsi sortir de nos archives à partir des années 1770-1780, et, quand il s'agit de jeux et de jouets achetés par les familles régnantes, leurs fournisseurs sont bien connus.²⁸

Avec la publication des *Annuaire du Commerce*, à Paris et dans d'autres villes, la constitution d'une véritable base de données des marchands et fabricants de jouets devient possible, et nous pouvons aussi, par exemple, mieux évaluer la part des importations, en particulier d'Allemagne. Construire cette histoire économique du jouet passe donc par la réalisation de bases de données informatiques comportant les noms, prénoms, adresses successives, sources, des différents acteurs dans la production et diffusion des jouets : fabricants, marchands, inventeurs.

On peut ainsi réaliser des monographies sur des familles qui sont dans le jouet pendant plusieurs générations, on peut suivre la transmission des fonds de commerce pendant parfois plus d'un siècle, et, lorsque nous avons la chance d'avoir un inventaire

²⁷ Michel Manson, « Jouets du commerce et consommation enfantine dans la presse française de 1760 à 1860 : de l'information au débat », chapitre 5 de *L'Enfant consommateur. Variations interdisciplinaires sur l'enfant et le marché*, coordonné par Valérie-Inès de La Ville, Paris, Vuibert, 2005, p. 91-103.

²⁸ Michel Manson, "Promenade dans un magasin d'étrennes : les fournisseurs des Enfants de France", dans *Jouets de princes (1770-1870)*, Paris, Réunion des Musées nationaux, 2001, p. 37-48.

après décès ou un dossier de faillite, la liste des marchandises avec leur prix nous permet de reconstruire, pour l'époque concernée, l'éventail des produits et les différentes gammes de prix.

Au XIXe siècle, les dossiers de faillites – dépouillés aux Archives de Paris jusqu'en 1880 -, les brevets d'invention, les sources liées aux expositions de l'industrie, nationales ou internationales, la presse, etc. constituent un ensemble documentaire riche et complexe qui nous autorise à entrevoir la possibilité d'écrire une histoire économique du jouet réellement solide, appuyée aussi sur une meilleure connaissance des objets et de leurs fabricants. Mais le retour aux archives, de toutes sortes, s'impose, car beaucoup de sources connues depuis le XIXe siècle, par les ouvrages d'Henri-René D'Allemagne et de Léo Claretie sont toujours citées sans que l'on progresse beaucoup dans ce domaine.

Les sources économiques sont complétées aussi par l'iconographie des boutiques de jouets et par les sources littéraires sur le thème du magasin de joujoux, dans la littérature pour la jeunesse comme sous la plume des écrivains romantiques. Prenons l'exemple de la littérature de jeunesse. Quelques auteurs des années 1820-1860 mettent en scène les réactions des enfants devant les boutiques de jouets, leurs désirs et ceux des parents. Le magasin de joujoux devient un théâtre où se déroulent des scènes qui permettent d'exposer les arguments des enfants, ceux des parents et ceux des vendeuses et vendeurs. Il ne s'agit en aucun cas d'un « témoignage », d'un « reportage », mais d'une construction, dans l'écriture, de valeurs éducatives et économiques autour du désir et du plaisir des enfants. Il faut donc décoder ces textes, comme il faut décoder les images, comprendre le rôle que joue le support dans la diffusion de l'image : estampes, peintures, illustrations de livres ou de périodiques, affiches, etc., chaque support a ses contraintes et sa logique dont il faut rendre compte.

Il faut être attentif aussi au positionnement idéologique des auteurs, des artistes, des éditeurs. Savoir quelles valeurs et quelles causes ils défendent permet de ne pas prendre naïvement leurs arguments au pied de la lettre. Ainsi, les ouvrages pédagogiques et éducatifs ne se privent pas d'émettre des jugements sur les jouets du

commerce, souvent condamnés comme un luxe inutile alors que l'on valorise les objets que les enfants vont fabriquer eux-mêmes. L'histoire économique du jouet est indissociable d'une histoire culturelle qui donne sens aux comportements de consommation des biens de l'enfance.

La fin du XIXe siècle et le XXe siècle sont riches de sources nouvelles : une presse professionnelle des métiers du jouet,²⁹ les catalogues des étrennes des grands magasins (apparus dès les années 1870),³⁰ les publicités (affiches, périodiques), les photographies d'ateliers et de boutiques, le cinéma, les statistiques économiques officielles, et d'innombrables archives malheureusement souvent inaccessibles, privées, souvent détruites, ou publiques, non encore consultables (pour le tribunal de commerce), etc.).

Il faudrait explorer les archives des ministères du commerce et de l'industrie, en particulier pour les importations et exportations, pour les tarifs de douanes. Les archives portuaires devraient donner des aperçus sur les exportations de jouets français, et, du même coup, fournir les pistes des lieux de réception : par exemple Rio de Janeiro à la fin du XIXe siècle et dans la première moitié du XXe siècle. Avec les noms des importateurs brésiliens de jouets, nous pourrions pénétrer dans l'histoire économique du jouet brésilien. D'autant que le Brésil possède aussi, je pense, des annuaires, une presse, bref des sources qui donneraient des matériaux pour construire cette histoire brésilienne du jouet. Peut-être serait-il intéressant de dépouiller le

Diario mercantil, transformé en *Jornal do Comércio*, qui dure des années 1820 à 1890, possédé successivement par deux français, Pierre Plancher et Julius Villeneuve. Celui-ci a aussi créé un périodique hebdomadaire, le *Museo universal. Jornal das familias brasileiras*, qui a circulé entre 1837 et 1840 et s'inspire du périodique français

²⁹Valérie-Inès De La Ville, Michel Manson, « Les fabricants de jouets et jeux français et leur responsabilité sociale vis-à-vis de l'enfant, 1891-1911 », dans *Pensée et pratiques du management en France. Inventaire et perspectives, 19e-21e siècles*, chapitre 3, mis en ligne le 23 avril 2012, <http://mtpf.mlab-innovation.net/fr/sommaire/diffuseurs-de-doctrine,-auteurs-et-dogmes-en-management/les-fabricants-de-jouets-et-jeux-français-et-leur-responsabilité-sociale-vis-à-vis-de-l'enfant.html>. Ce travail se fonde sur l'analyse des articles publiés par la Chambre syndicale des Fabricants de Jouets Français dans son bulletin *Le Jouet français*. À paraître en traduction espagnole sur le site argentin de la revue *Ludicamente* (2^e année, n° 4, octobre 2013) : <http://www.ludicamente.com.ar>

³⁰Michel Manson, *Histoire(s) des Jouets de Noël*, Paris, Téraèdre, 2005, 144 p.

le *Musée des familles*.³¹ Or les périodiques français pour la jeunesse contiennent des articles sur l'industrie du jouet, et des publicités au moment des étrennes. Il s'agirait de vérifier si les périodiques brésiliens sont susceptibles de nous apporter leur lot de données sur l'histoire économique et sociale du jouet brésilien.

Une histoire économique scientifique du jouet est donc possible, mais elle demande d'innombrables dépouillements qui ne sont que partiellement commencés pour la France : il y faudrait une équipe de chercheurs et de nombreux travaux universitaires. Pour le Brésil, cette aventure mérite d'être tentée!

Écrire l'histoire culturelle du jouet

Les jouets d'enfants font partie de la culture enfantine mais aussi de la culture globale de la société : on peut en trouver mention dans la littérature et dans l'art. L'utilisation par les historiens des sources littéraires et iconographiques n'est pas nouvelle,³² mais elle demande une méthodologie rigoureuse. En effet, il ne s'agit pas d'illustrer son propos par une citation ou une image, mais de constituer des corpus et de les traiter en fonction des critères de l'histoire littéraire et de l'histoire de l'art.

Il est significatif que l'iconographie du jouet ait gagné progressivement de nouveaux supports : limitée aux enluminures des manuscrits au XIIIe siècle, elle gagne la peinture murale au XIVE (Angleterre, Italie), la peinture de chevalet, la gravure sur cuivre, la tapisserie et les pavements au XVe. Au XVIe siècle, on trouve en plus la sculpture, un gobelet en verre, des dessins. À partir de cette période, les images avec des jouets progressent encore sur de nouveaux supports (arts décoratifs, photographies, cinéma), mais surtout en quantité ce qui contribue à les diffuser dans la société auprès de publics de plus en plus diversifiés et nombreux.³³

³¹Valeria Guimarães, ed., *Les transferts culturels : l'exemple de la presse en France et au Brésil*, Paris, L'Harmattan, 2011, p. 33, *Transfêrenciais Culturais : O Exemplo da Imprensa na França e no Brasil*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

³²Cf. Francis Gaskell, *History and its images*, Yale University, 1993, trad. fr. Alain Tachet et Louis Evrard, *L'Historien et les images*, Paris, Gallimard, 1995.

³³Un corpus de plus de 500 images avant 1800 nous a permis de faire ces constatations. Cf. *Historia do Brinquedo*, cap. 2, 4, 9, 15.

L'évolution quantitative s'accompagne d'un enrichissement constant du "discours iconographique". Au Moyen Âge, le jouet (sabot, cheval bâton) symbolise les activités de jeu de l'enfant, et donc l'enfance elle-même, dans l'iconographie des âges de la vie. C'est d'abord un garçon, seul, d'une dizaine d'années. Puis l'image se complique, chaque âge de l'enfance ayant son jouet : le hochet pour le bébé, le cheval bâton et le moulinet pour les petits, le sabot et la toupie pour les plus grands. Les filles n'arrivent que plus tard, avec la poupée.

Les artistes étudient les gestes du jeu, les attitudes des joueurs, les formes des jouets. En avançant dans le temps, le nombre de jouets représentés augmente, les scènes se diversifient, la culture ludique enfantine est de mieux en mieux observée. Le regard des artistes traduit donc le sentiment de l'enfance, il nous renseigne sur les significations symboliques des objets, mais aussi sur la réalité du jeu. En fait, l'image est une source qui fonctionne dans le système de représentation de l'époque, et qui nous le révèle en ce qui concerne le jouet, mais c'est aussi une source informative concernant l'existence et la réalité de certains jouets.

En l'absence de textes sur les rapports de l'enfant à ses jouets, au XVI^e siècle par exemple, seules les images nous en suggèrent quelque chose. Et, lorsque les textes sont plus nombreux, au siècle des Lumières, et que le jouet gagne le centre des tableaux dans quelques portraits d'enfants, c'est le lien intime entre l'enfant et son jouet qui se laisse voir, et que les artistes postérieurs approfondissent encore. Nous apprenons aussi l'existence de jouets par les images alors qu'aucune autre source ne les mentionne : les échasses, le cerf-volant, les billes de verre à la fin du XVI^e siècle. Ce que ne disent pas les images est aussi important que ce qu'elles montrent. En ne choisissant que quelques types de jouets dans la masse des types produits, et que nous connaissons par les archives, l'iconographie applique sur la réalité un filtre culturel chargé de délivrer un message, sous-tendu par la vision de l'enfance et des valeurs sociales qui l'entourent. Les éléments d'un ou de plusieurs discours sur le jouet sont ainsi dispersés dans toutes les images produites par la société à un moment donné, ce qui justifie la collecte la plus complète possible pour reconstituer ces messages et les confronter à ceux que les textes proposent.

Avec la plus grande quantité d'images aux XIXe et XXe siècles, de nouvelles problématiques apparaissent, liées à l'existence de représentations dans une culture de masse. Seuls les plus riches faisaient faire les portraits de leurs enfants par un peintre, portraits qui montrent souvent un jouet, comme la poupée dans les bras d'une fillette ou le sabre et le tambour pour le garçon. Avec la naissance de la photographie et la démocratisation de ce moyen de représentation, ce sont des centaines de milliers de photographies d'enfants avec jouets que nous offrent d'abord les ateliers des photographes professionnels et ensuite les albums des photos de famille. Nous avons commencé de nouvelles bases de données pour essayer d'aborder cette nouvelle source.

Au début, dans la deuxième moitié du XIXe siècle, les photographes professionnels, souvent liés au monde de la peinture, reproduisent les lieux communs de celle-ci. Avec l'apparition au début du XXe siècle, des appareils photographiques légers, utilisables par la famille, la photographie d'enfants se libère, devient plus naturelle, et les jouets y tiennent une place qu'il convient de comprendre et d'analyser. Il faudrait lancer des enquêtes, faire appel aux ressources des archives familiales, numériser des milliers de documents pour voir si émergent des logiques de représentation, si les regards des photographes ne nous apprennent pas des choses nouvelles sur les jouets, leurs usages, les rapports que les enfants entretiennent avec ces objets.

Les cartes postales sont une autre source, elle aussi photographique, qui offre un éclairage nouveau sur la perception des fêtes de l'enfance de fin d'année, la Saint-Nicolas, Noël, les étrennes.³⁴ Produit d'une culture de masse, diffusées dans toutes les classes, les cartes postales véhiculent des représentations chargées d'apports culturels divers qu'il convient de décoder. Les images publicitaires forgent aussi de l'enfance une image propre à chaque époque et à chaque pays : les affiches, les publicités dans les magazines et périodiques constituent ainsi une source particulièrement suggestive pour la fin du XIXe siècle et pour le XXe siècle.

³⁴Michel Manson, *Histoire(s) des jouets de Noël*, *op. cit.*, voir les neuf illustrations.

Avec le cinéma, puis la télévision, ce sont les images animées, formant des dessins animés, des œuvres de fiction ou des reportages sur la société, qui fournissent une moisson inépuisable de thèmes de recherches concernant l'enfance et ses jouets, d'autant plus qu'avec le système des produits dérivés, les personnages des dessins animés se retrouvent sous forme de jouets, de livres, de décors de vêtements, etc.³⁵ La culture d'enfance est une culture de l'image, et celle-ci va envahir les produits imprimés, seule ou en rapport avec des textes.

La lente émergence d'un concept de jouet, marqué par l'apparition d'un vocable générique, le mot "jouet" (France, 1534), est suivie par la non moins lente constitution d'un discours sur le jouet. Le mot, surgi dans une œuvre littéraire, met presque un siècle et demi à être pleinement reconnu dans les dictionnaires de langue française. Alors que de rares passages dans la littérature évoquent des jouets, les pédagogues de la Renaissance n'élaborent aucune réflexion sur sa place dans l'éducation, et il faut attendre le traité de John Locke, *Some Thoughts about Education* (1693) pour qu'un chapitre sur le jouet apparaisse.³⁶

Depuis lors, la réflexion sur le jouet ne cesse de s'élargir et de s'approfondir, s'adaptant aux conceptions de l'éducation et à la représentation de l'enfant de chaque période. Écrire l'histoire du jouet nécessite de prendre en compte cette dimension, impliquant une relecture des pédagogues et des éducateurs. Mais l'enquête ne s'arrête pas là : le jouet apparaît dans la littérature générale, puis, à partir du milieu du XVIIIe siècle, dans la littérature enfantine.

Les auteurs pour enfants mettent le jouet en scène, ajoutant leur regard sur la culture enfantine à celui des peintres et à celui des pédagogues. Regards croisés, qui permettent à l'historien de reconstruire son objet avec plus de relief. Il serait intéressant de voir comment se construit le discours « pédagogique » sur le jouet dans

³⁵Gilles Brougère, direct., *La ronde des jeux et des jouets : Harry, Pikachu, Superman et les autres*, Paris, Autrement, 2008.

³⁶Michel Manson, « Variations sur le jouet de Locke et de Coste (1693-1708) », dans Tramson (Jacques), direct., *Du Livre au Jeu : points de vue sur la culture de jeunesse. Mélanges pour Jean Perrot*, Paris, L'Harmattan, 2003, pp. 205-215.

l'histoire brésilienne.³⁷ Les périodiques professionnels des enseignants de la petite enfance sont une source à explorer pour voir les discours tenus et les pratiques pédagogiques développées.

Lorsque l'on sait l'importance prise par l'utilisation pédagogique et thérapeutique du jouet dans les travaux scientifiques brésiliens actuels, il serait utile d'en tracer la généalogie, les balbutiements, les itinéraires explorés avant la deuxième guerre mondiale. De même, les livres pour enfants brésiliens offrent sans doute des histoires d'enfants où les jouets sont présents : de quelle façon, avec quels types d'illustrations, pour tenir quels discours ? Nous avons beaucoup travaillé sur le jouet dans les livres pour enfants, parce que la représentation de la culture d'enfance que nous offre la littérature enfantine occupe une place unique dans la construction d'une histoire du jouet. Le livre pour enfants est un objet de leur culture, objet qui leur renvoie comme un miroir une image d'eux-mêmes à laquelle ils doivent suffisamment adhérer pour entrer dans l'histoire qui leur est racontée.

En même temps, les auteurs livrent inconsciemment leur propre rapport à l'enfance, la leur, celle des leurs enfants. Ils glissent aussi dans leur texte leur vision du monde, leurs valeurs, leur morale. Les idées éducatives et les jugements sur le jouet sont beaucoup plus discrets aujourd'hui qu'ils ne l'étaient au XIXe siècle, et l'histoire des livres pour enfants permet de suivre l'évolution de la représentation de l'enfant et de ses jouets d'une façon plus fine et plus nuancée qu'avec d'autres sources.

Les jouets eux-mêmes témoignent du regard sur l'enfant et sur la culture enfantine,³⁸ en le représentant, en évoquant des usages ludiques, en montrant que l'univers des jouets peut aussi s'inspirer de la littérature enfantine et du cinéma. La permanence au XXe siècle de types de jouets provenant de l'antiquité, comme la toupie, ou de l'Ancien Régime, comme les petits tambours et trompettes, ne doit pas être comprise comme la manifestation de l'intemporalité des jouets. Si les ressorts ludiques de ces jouets fonctionnent dans un rapport étroit avec les étapes de la croissance de l'enfant et justifient la durabilité de certaines structures d'objets, les

³⁷Nous avons montré comment le jouet s'introduit dans l'école française : « Le jouet à l'école, d'Oberlin à Pauline Kergomard, signe de modernité ? », chapitre 3 dans Rayna, Sylvie et Brougère, Gilles (dir.), *Jeu et cultures préscolaires*, INRP, 2010, p. 49-75.

³⁸Gilles Brougère, *Brinquedo e cultura*, São Paulo, Cortez Editora, 6^e éd. 2006.

usages, les significations et la place dans la culture ludique d'aujourd'hui ne sont plus du tout ce qu'ils étaient il y a plusieurs siècles.

Les diverses sources évoquées n'ont pas forcément la même chronologie : la consommation enfantine de jouets du commerce commence avant que le concept de jouet apparaisse. Les parents, et l'enfant quand il a pu être prescripteur, ont compris l'importance de cet objet et l'ont valorisé avant que les éducateurs ne s'en occupent. Mais, progressivement, tous les fils ont commencé à se rejoindre. Aujourd'hui, ils sont inextricablement mêlés : représentations des parents et des éducateurs, savoirs des sciences humaines, fonctionnement du marché et du marketing jouet, tout cela interfère sans qu'il soit toujours possible de comprendre comment et pourquoi, mais la sociologie de l'enfance apporte quelques clés pour cette histoire récente.³⁹

Écrire l'histoire du jouet, telle que nous l'avons proposée, devrait permettre de clarifier des mécanismes, d'éclairer des enjeux, de percevoir ce qui vient de surgir et ce qui possède de profondes racines historiques. Ce travail, que nous avons amorcé pour la France et parfois pour l'Europe, devrait être entrepris pour d'autres aires culturelles.⁴⁰ En effet, chaque pays opère sa propre synthèse entre les racines culturelles locales et celles qui viennent d'ailleurs.

Il me semble très probable que l'histoire de l'enfant et de l'enfance soit, au Brésil, une histoire originale, sans doute très complexe, et que construire l'histoire du jouet de ce pays nécessite « d'inventer » des sources, d'analyser et d'interpréter celles qui ressemblent aux miennes (archives, presse, livres pour enfants, images ...) avec des outils et des concepts qui devront être spécifiquement adaptés à l'histoire, à la culture, à la société brésiliennes. Je souhaite que les quelques pistes que je viens de donner donnent à certaines et certains d'entre vous le désir de se lancer dans une telle entreprise.

³⁹Gilles Brougère, *Jouets et compagnie*, Paris, Stock, 2003 ; trad. en portugais : *Brinquedos e companhia*, São Paulo, Cortez, 2004.

⁴⁰J'ai pu montrer, pour le jouet dans l'art, comment chaque aire culturelle forge son propre système de représentation, comme les Pays-Bas et l'Italie à la Renaissance : « Histoire du jouet dans l'art, approche anthropologique, 1450-1650 », dans *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia*, Università di Siena, vol. XXVI, 2005, Fiesole, Edizioni Cadmo, 2007, p. 129-164, 8 fig.

Referências

BROUGERE, Gilles. **La ronde des jeux et des jouets**: Harry, Pikachu, Superman et les autres. Paris: Autrement, 2008.

_____. **Brinquedo e cultura**. São Paulo, Cortez Editora, 6^e éd. 2006

_____. **Jouets et compagnie**, Paris, Stock, 2003. Trad. em português : Brinquedos e companhia, São Paulo, Cortez, 2004.

GASKELL, Francis. **History and its images**, Yale University, 1993. Trad. fr. Alain Tachet et Louis Evrard, L'Historien et les images. Paris: Gallimard, 1995.

GUIMARÃES, Valeria. **Les transferts culturels**: l'exemple de la presse en France et au Brésil, Paris: L'Harmattan, 2011. Trad. Transfêrenciais Culturais: O Exemplo da Imprensa na França e no Brasil, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MANSON, Michel. Le jouet dans les récits d'enfance des écrivains. In: Françoise Simonet-Tenant, direct., **Le propre de l'écriture de soi**, Paris, Téraèdre, 2007, p. 142-147.

_____. Histoire du jouet dans l'art, approche anthropologique, 1450-1650. In: **Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia**, Università di Siena, vol. XXVI, 2005, Fiesole, Edizioni Cadmo, 2007.

_____. **Histoire(s) des Jouets de Noël**. Paris: Téraèdre, 2005.

_____. Jouets du commerce et consommation enfantine dans la presse française de 1760 à 1860 : de l'information au débat, capítulo 5. In: **L'Enfant consommateur. Variations interdisciplinaires sur l'enfant et le marché**, organizado por Valérie-Inès de La Ville, Paris, Vuibert, 2005, p. 91-103.

_____. Variations sur le jouet de Locke et de Coste (1693-1708). In: TRAMSON, Jacques, direct. **Du livre au jeu**: points de vue sur la culture de jeunesse. Mélanges pour Jean Perrot, Paris, L'Harmattan, 2003, pp. 205-215.

_____. **Jouets de toujours, de l'Antiquité à la Révolution**, Paris: Fayard, 2001. Trad. Carlos Correia Monteiro de Oliveira, Historia do Brinquedo e dos Jogos. Brincar através dos tempos, Lisboa: Editorial Teorema, 2002.

_____. Promenade dans un magasin d'étranges: les fournisseurs des Enfants de France. In: **Jouets de princes (1770-1870)**, Paris, Réunion des Musées nationaux, 2001, p. 37-48.

RAYNA, Sylvie e BROUGERE, Gilles (dir.). **Jeu et cultures préscolaires**, INRP, 2010, p. 49-75.

SOUZA, M. A. S. e S., GARCIA, M. A. L.; FERRARI, S. C. M.. **Memoria e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

VILLE, Valérie-Inès, De La & MANSON, Michel. Les fabricants de jouets et jeux français et leur responsabilité sociale vis-à-vis de l'enfant, 1891-1911. In: **Pensée et pratiques du management en France. Inventaire et perspectives, 19e-21e siècles**, chapitre 3, mis en ligne le 23 avril 2012, <http://mtpf.mlab-innovation.net/fr/sommaire/diffuseurs-de-doctrine,-auteurs-et-dogmes-en-management/les-fabricants-de-jouets-et-jeux-français-et-leur-responsabilité-sociale-vis-à-vis-de-l'enfant.html>. 2^e année, n° 4, octobre 2013) : <<http://www.ludicamente.com.ar>>